

ITALO CALVINO

UM GENERAL
NA BIBLIOTECA

Tradução

Rosa Freire d'Aguiar



COMPANHIA DE BOLSO

Copyright © 1993 by Espólio de Italo Calvino
Proibida a venda em Portugal

Esta publicação contou com o apoio do Ministério de Relações Exteriores da Itália.

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Título original
Prima che tu dica “Pronto”

Capa
Jeff Fisher

Preparação
Eliane de Abreu Santoro

Revisão
Juliane Kaori
Flávia Yacubian

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Calvino, Italo, 1923-1985

Um general na biblioteca / Italo Calvino ; tradução de Rosa Freire d'Aguiar. — São Paulo : Companhia das Letras, 2010.

Título original : Prima che tu dica “Pronto”.
ISBN 978-85-359-1699-7

1. Contos italianos I. Título.

10-05490

CDD-853.1

Índice para catálogo sistemático:

1. Contos : Literatura italiana 853.1

2010

Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA SCHWARCZ LTDA.
Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32
04532-002 — São Paulo — SP
Telefone: (11) 3707-3500
Fax: (11) 3707-3501
www.companhiadasletras.com.br

SUMÁRIO

Nota de Esther Calvino 7

APÓLOGOS E CONTOS 1943-1958

O homem que chamava Teresa 12

O raio 14

Quem se contenta 16

O rio seco 17

Consciência 22

Solidariedade 24

A ovelha negra 27

Imprestável 29

Como um voo de patos 34

Amor longe de casa 41

Vento numa cidade 50

O regimento desaparecido 57

Olhos inimigos 63

Um general na biblioteca 67

O colar da rainha 73

A grande bonança das Antilhas 98

A tribo com os olhos para o céu 105

Monólogo noturno de um nobre escocês 108

Um belo dia de março 112

CONTOS E DIÁLOGOS 1968-1984

A memória do mundo 118

A decapitação dos chefes 125

O incêndio da casa abominável 139

A bomba de gasolina	152
O homem de Neandertal	158
Montezuma	166
Antes que você diga “Alô”	177
A glaciação	185
O chamado da água	188
O espelho, o alvo	193
As memórias de Casanova	200
Henry Ford	210
O último canal	227

Nota do Editor	234
Sobre o autor	237

ITALO CALVINO COMEÇA A ESCREVER MUITO CEDO, ainda adolescente: contos, apólogos, poesias e peças teatrais. O teatro é sua primeira vocação e talvez o que mais lhe interesse. Desse período há muitas peças que nunca foram publicadas. Sua extraordinária capacidade de autocrítica, de se ler desdobrando-se, levou-o muito depressa a abandonar esse gênero. Numa carta de 1945 ele anuncia laconicamente ao amigo Eugenio Scalfari: “Passei à narrativa”. A notícia devia ser muito importante, pois foi escrita em maiúsculas que cruzam todo o espaço da página.

A partir daí sua atividade de escritor será ininterrupta; não houve dia em que não tenha trabalhado, em qualquer lugar, em qualquer circunstância, sentado à mesa ou com o papel em cima dos joelhos, no avião ou num quarto de hotel. Não espanta, pois, que tenha deixado uma obra tão vasta, da qual fazem parte inúmeros contos e apólogos. Além dos coletados por ele em vários volumes, muitos saíram apenas em jornais e revistas; outros permaneceram inéditos.

Os textos aqui reunidos — inéditos e não — são apenas uma parte dos escritos entre 1943 — quando o autor ainda não tinha vinte anos — e 1984.

Alguns, concebidos inicialmente como romances, vão se tornar contos, processo nada insólito em Calvino, que, de um romance nunca publicado, *Il bianco veliero*, tirará mais de um relato inserido no volume dos *Contos* de 1958.

Outros resultam de pedidos específicos: talvez ele nunca tivesse escrito *A glaciação* se uma destilaria japonesa de bebidas alcoólicas, mais especificamente de um uísque muito popular no Oriente, não tivesse decidido festejar seu quinquagésimo aniversário pedindo um conto a certos escritores famosos

européus. Havia uma única obrigação: a de mencionar no texto uma bebida alcoólica qualquer. *A glaciação* foi publicado primeiro em japonês e depois em italiano. Curiosos também são a gestação e o destino de *O incêndio da casa abominável*. Havia um pedido, bastante vago, da IBM: até que ponto era possível escrever um conto com o computador? Isso se passava em Paris, em 1973, e essas máquinas não eram de fácil acesso. Sem se desencorajar, e dedicando-lhes muito tempo, Calvino fez à mão todas as operações que o computador deveria ter executado. O conto terminou sendo publicado, depois, numa edição italiana da *Playboy*, o que, na verdade, não significou um problema para Calvino, pois ele o destinara mentalmente ao Oulipo* como exemplo de *ars combinatoria* e desafio às próprias capacidades matemáticas.

Quanto aos contos que abrem este livro, quase todos inéditos e muito curtos — Calvino os chamava *raccontini*, “continhos” —, pode ser útil saber que, numa nota de 1943, encontrada entre seus papéis de juventude, ele escreveu: “O apólogo nasce em tempos de opressão. Quando o homem não pode dar forma clara a seu pensamento, exprime-o por meio de fábulas. Esses continhos correspondem a uma série de experiências políticas e sociais de um jovem durante a agonia do fascismo”. Quando os tempos permitissem, acrescentava — ou seja, depois do final da guerra e do fascismo —, o conto-apólogo não seria mais necessário e o escritor poderia passar a outra coisa. Mas os títulos e as datas de grande parte dos textos do presente volume e de outros escritos não reunidos aqui parecem indicar que, apesar do raciocínio de juventude, Calvino continuaria a escrever apólogos ainda por muitos anos.

Foram incluídos neste livro alguns textos de difícil classifi-

* Ouvroir de littérature potentielle (Oficina de literatura potencial): grupo criado pelos franceses Raymond Queneau e François Le Lionnais, do qual participaram Georges Pérec e Italo Calvino, e que propunha experiências literárias segundo regras rígidas que seus próprios membros inventavam e se impunham. (N. T.)

cação, como *O chamado da água*; mesmo não sendo apólogos nem contos no sentido estrito, merecem ser trazidos aos leitores.

Em outros casos, textos que podem parecer únicos e isolados no conjunto de sua obra fazem parte de projetos que Calvino tinha claros na mente mas não teve tempo de realizar.

Esther Calvino

APÓLOGOS E CONTOS
1943-1958

O HOMEM QUE CHAMAVA TERESA

DESCIDA CALÇADA, recuei uns passos, olhando para cima, e, chegando no meio da rua, levei as mãos à boca, como um megafone, e gritei para os últimos andares do prédio:

— Teresa!

A minha sombra se assustou com a lua e se agachou entre meus pés.

Passou alguém. Chamei de novo:

— Teresa!

A pessoa se aproximou, disse:

— Se não chamar mais alto não vão escutar. Vamos tentar nós dois. Assim: conto até três, no três gritamos juntos. — E disse: — Um, dois, três.

E juntos gritamos: — Tereeesaaa!

Passou um grupinho de amigos que voltavam do teatro ou do café e viram nós dois chamando. Disseram: — Bom, também podemos ajudar com a nossa voz. — E também foram para o meio da rua e o primeiro dizia um, dois, três e então todos gritavam em coro: — Te-reee-saaa!

Passou mais um e juntou-se a nós; quinze minutos depois estávamos reunidos num grupo, uns vinte, quase. E de vez em quando chegava mais um.

Não foi fácil chegarmos a um acordo para gritarmos direito, todos juntos. Havia sempre um que começava antes do “três” ou que demorava demais, mas no final já conseguíamos fazer alguma coisa benfeita. Combinou-se que “Te” seria dito baixo e longo, “re”, agudo e longo, e “sa”, baixo e breve. Funcionou muito bem. Mas, vez por outra, havia uma briga porque alguém desafinava.

Já começávamos a perder o fôlego quando um de nós, que

a julgar pela voz devia ter a cara cheia de sardas, perguntou: — Mas vocês têm certeza de que ela está em casa?

— Eu não — respondi.

— Que confusão — disse um outro. — Esqueceu a chave, não é?

— Na verdade — disse eu —, estou com a chave aqui.

— Então — me perguntaram —, por que não sobe?

— Mas eu nem moro aqui — respondi. — Moro no outro lado da cidade.

— Mas então, desculpe a curiosidade — perguntou circunspecto o sujeito da voz cheia de sardas —, quem é que mora aqui?

— Para falar a verdade, não sei — disse eu.

Houve um certo descontentamento ao redor.

— Mas então se pode saber — perguntou outro com a voz cheia de dentes — por que está chamando Teresa aqui de baixo?

— Por mim — respondi — também podemos chamar outro nome, ou em outro lugar. Não custa nada.

Os outros estavam meio aborrecidos.

— O senhor não teria desejado fazer uma brincadeira conosco? — perguntou o das sardas, desconfiado.

— Eu, hein! — disse, ofendido, e me virei para os outros para pedir que confirmassem minhas boas intenções. Os outros ficaram calados, mostrando não terem captado a insinuação.

Houve um instante de constrangimento.

— Vejamos — disse um deles, bondoso. — Podemos chamar Teresa mais uma vez, e depois vamos para casa.

E chamamos mais uma vez — um, dois, três, Teresa! —, mas já não deu muito certo. Depois nos dispersamos, uns por aqui, outros por ali.

Eu já havia chegado à praça quando tive a impressão de ainda ouvir uma voz que gritava: — Tee-reee-sa!

Alguém deve ter ficado chamando, obstinado.

O RAIOS

ACONTECEU-ME UMA VEZ, num cruzamento, no meio da multidão, no vaivém.

Parei, pisquei os olhos: não entendia nada. Nada, rigorosamente nada: não entendia as razões das coisas, dos homens, era tudo sem sentido, absurdo. E comecei a rir.

Para mim, o estranho naquele momento foi que eu não tivesse percebido isso antes. E tivesse até então aceitado tudo: semáforos, veículos, cartazes, fardas, monumentos, essas coisas tão afastadas do significado do mundo, como se houvesse uma necessidade, uma coerência que ligasse umas às outras.

Então o riso morreu em minha garganta, corei de vergonha. Gesticulei, para chamar a atenção dos passantes e — Parem um momento! — gritei — Tem algo estranho! Está tudo errado! Fazemos coisas absurdas! Este não pode ser o caminho certo! Onde vamos acabar?

As pessoas pararam ao meu redor, me examinavam, curiosas. Eu continuava ali no meio, gesticulava, ansioso para me explicar, torná-las participantes do raio que me iluminara de repente: e ficava quieto. Quietos, porque no momento em que levantei os braços e abri a boca a grande revelação foi como que engolida e as palavras saíram de mim assim, de chofre.

— E daí? — perguntaram as pessoas. — O que o senhor quer dizer? Está tudo no lugar. Está tudo andando como deve andar. Cada coisa é consequência de outra. Cada coisa está vinculada às outras. Não vemos nada de absurdo ou de injustificado!

E ali fiquei, perdido, porque diante dos meus olhos tudo voltara ao seu devido lugar e tudo me parecia natural, semáforos, monumentos, fardas, arranha-céus, trilhos de trem, men-

digos, passeatas; e no entanto não me sentia tranquilo, mas atormentado.

— Desculpem — respondi. — Talvez eu é que tenha me enganado. Tive a impressão. Mas está tudo no lugar. Desculpem. — E me afastei entre seus olhares severos.

Mas, mesmo agora, toda vez (frequentemente) que me acontece não entender alguma coisa, então, instintivamente, me vem a esperança de que seja de novo a boa ocasião para que eu volte ao estado em que não entendia mais nada, para me apoderar dessa sabedoria diferente, encontrada e perdida no mesmo instante.